



# MALDADE CASTIGADA

★ ★ Por VENUTRA ★ ★



O Tareco brincalhão,  
Era um gato mandrião  
Mas atrevido, afoitado...  
Dava voltas arriscadas  
Nas próprias águas-furtadas  
Lá por de cima do telhado.



Ir pôr-se à chapa do sol  
Estendido... corpo mole...  
Era um dos seus regalos;  
Não podendo ver pardais,  
A saltitar nos beirais,  
Que não tentasse agarrá-los.



Ora, o gato, certo dia,  
Sobre o telhado, seguiu,  
Com a máxima atenção,  
O vai-vém duma andorinha  
Que, sob o beirado, tinha  
O seu ninho em construção.



Pôs-se, então, a cogitar  
Na maneira de apanhar  
O inocente passarinho  
E foi deitar-se, a fingir  
Que estava ali a dormir,  
Mesmo por cima do ninho.



E, estando assim entretido  
Lá tão alto, distraído,  
O Tareco, sem cautela,  
Deu um salto desastrado,  
Despenhou-se do beirado  
E partiu uma costela.



Podem dizer com razão:  
— Foi a própria distração  
Do gato, a sua desgraça!  
Mas é justo que se diga  
Que a Providência castiga  
A maldade que se faça,

# ■ O «ALERTA» ■

★ ★ Por MILAU ★ ★

**A** Emilinha era bonita e engraçada mas era, também, imensamente vaidosa. Assim, tornava-se, por vezes, bastante antipática. Pois já se viu uma menina, assim pequena, proceder daquela maneira?

Frizava os cabelos em grandes caracóis, punha vermelho nas faces, empoava-se e pintava a boca em coração!

Isto, já se sabe, quando a mamã não via; certa ocasião, a mamã deu com ela naquele estado, e raihou a valer, mas... a Emilinha não tinha apenas o defeito da vaidade; era, também, desobediente. De forma que, desatendendo a mãe, continuava nos seus exageros de toucador.

Depois, quando havia visitas, queria portar-se ajudadamente. Fazia boquinhas, punha os olhos em alvo, respondia afectadamente ao que lhe perguntavam e, se não falavam com ela, metia-se nas conversas das outras... Insuportável!

Ora, uma noite, depois de ter sido castigada pela mamã, por causa dos seus disparates habituais, a Emilinha deitou-se e adormeceu.

Dava meia noite no relógio da saleta, quando a Emilinha abriu os olhos, para logo os fechar, surpreendida; o seu quarto fóra invadido por três mulheres, todas de batas brancas, que, ao

aperceberem-se do seu despertar, principiaram aos saltos e ás cabriolas. De repente, acercaram-se do leito e puxaram a pequena para o meio do quarto:

— «Anda cá, minha linda — disseram — vimos fazer a tua «toilette».

A Emilinha ficou radiante e principiou a tagarelar como era seu costume. Mas, pouco a pouco, a voz começou a sumir-se-lhe, até que, por fim, só podia falar em segredo. Quis mexer-se, e só então notou que estava transformada em bilha de barro, vermelha e bojuda, no cimo da qual estava a sua cabeça...

Fitou as mulheres, que riam ás gargalhadas e que diziam:

— «Então, que tal? Gostas do vestido novo?»

A segunda foi buscar um espelho: — «Vê, olha-te á vontade, minha vaidosa!»

— «Agora, — disse a terceira — tratemos dos caracóis. E meu dito, meu feito... Principia a repuxar-lhe os cabelos, fazendo-lhe uns bandós espantosos. Em seguida, as outras começaram a «tratar-lhe» da cara e ainda a magoavam mais que a «cabeleleira.» A «operação» levou tempo. Emilinha não podia ver nada. Quando acabaram, puseram-lhe diante um grande espelho e ela viu, então — que horror! — uma bilha com a sua cabeça... mas, não! Não era ela: Os olhos tortos e bicudos como os dos chineses, as so-



brancelhas também em bico, a boca... Ai! Que feia, que exquisita! As três mulheres faziam-lhe esgares, carantinhas trocistas, a Emilinha compreendia ser aquilo o castigo da sua vaidade. E estava bem castigada! Se a mamã a visse, agora, nem a reconheceria.

Se ao menos pudesse gritar, chamar... Isso sim! A vizinha, muito pequena, sumia-se pouco a pouco, e, numa grande aflicção, Emilinha... acordou!

Habituada a ouvir as criadas contarem-lhe histórias de fadas, bruxas e duendes, tivera aquele sonho fantástico.

— «Ainda bem que foi tudo um sonho!» exclamou, depois de ir ao espelho verificar se tinha, realmente, pernas e braços, e se os olhos estariam no seu lugar. — «Que susto, meu Deus!»

Serviu-lhe de lição. Hoje, a Emilinha salta, corre, brinca, pula como as meninas da sua idade, os cabelos caíndo naturalmente, as faces sem o menor artifício; e a sua boquinha cor de rosa ri, alegre, feliz. Rir, brincar, ser criança!... Que bom! Seguir atentamente os conselhos da mamã, a sua maior amiga...

Sem vaidades, sem exageros, ajudada, mas sempre criança, a Emilinha é, agora, o encanto de todos.

Aquele sonho fóra, afinal, um brado de alerta!



F I M

## Correspondência A D I V I

**Natália do Nascimento Madeira** — Muito bem. Acertaste com o nome de todos os objectos mas o jogo não consistia apenas em indicá-los, como fizeste.

**José Vasques Peixoto** — As indicações estão certas.

**José Ferreira Ventura** — O Director deste suplemento vai responder hoje às vossas cartas.

**Mariana Godinho** — Será satisfeito o teu pedido na primeira oportunidade.

**Fred-Paz.** — A construção que enviaste não está em condições de ser publicada.

Vosso amigo

TIO PAULO

## N H A

Meus meninos: — Este ladrão roubou um saco com dinheiro. Vai a fugir do roubado, mas este está já bem perto. Vejam se o descobrem,



# A couve vaidosa

★ ★ Por MARIA FREDERICA ★ ★



**E**M certa horta, muito verdinha e bem tratada, crescia, entre várias outras hortaliças, uma couve com um tronco muito alto, muito direita e muito toleirona. Ninguém gostava dela na horta. Era tão orgulhosa e trocista que não podia passar um momento sem dizer qualquer coisa desagradável às vizinhas.

Assim estava sempre a fazer troça de uma pobre couve lombarda que vivia mesmo ao lado dela.

— «Que criatura tão deselegante que é esta minha vizinha, (dizia a toleirona). Nunca vi uma coisa assim, muito baixa, muito redonda, quasi sem tronco, mesmo encostada à terra, que horror!»

A couve lombarda, que era boa pessoa e não gostava de discussões, fingia que não ouvia nada. E a vaidosa continuava:

— «Olhem para mim!... Que tronco airoso eu tenho!... Como as minhas folhas ondulam ao vento!... Eu não devia estar no meio das hortaliças; foi por engano, com certeza, que o jardineiro me semeou neste sítio. Eu devia estar no jardim, sou mais airosa do que as dalias e os crisântemos!»

— «Ó menina, — (disse um rabanete muito espreitado) — onde está a sua flor, para querer um lugar no jardim?»

— «Que tonto, que ignorante, — (res-

pondeu a couve com ares superiores) — não sabes que, daqui a algum tempo, e tomara já esse dia! — me nascerá um cacho de flores brancas, muito lindas e perfumadas? A flor do lilás, ao pé da minha, nada vale!»

— «Pois olha, — (disseram os bróculos,) — nós também temos flor, e nem por isso pensamos em ir para o jardim. Vamos para a panela de muito boa



vontade, porque sabemos que para isso nos semeiam e nos tratam bem e a senhora dona desta horta gosta muito de nós.»

— «Que ordinária! — (disse a Couve Vaidosa em tom desdenhoso,) — a falar em panelas, que falta de educação. Com que gente eu estou metida! Nem sabem apreciar-me! Quando eu tiver as minhas flores, então serei admirada.

Vêm, com certeza os donos da casa contemplar-me e aspirar o meu perfume!»

Porém, nesta ocasião, uma velha Pereira que estava a ouvir a conversa, riu

tanto que todas as suas folhinhas se agitaram.

— «Vê lá, menina, — (disse a Pereira) — se quando tiveres flor te acontece alguma coisa de que não gostes.»

— «O que me havia de acontecer? — (respondeu a Couve, muito altiva,) — a senhora dona da casa leva-me daqui e põe-me numa jarra na sala, e beta contente eu ficarei de deixar estas hortaliças ignorantes.»

A Pereira riu-se outra vez e não lhe disse mais nada.

Passaram-se alguns dias, até que, uma manhã, a Couve Vaidosa apareceu com um cachinho de flores brancas semprefume e sem graça. A-pesar-disso, as hortaliças todo o dia tiveram de a aturar, ouvindo-a gabar-se.

A tarde, passou o jardineiro, oihou para a couve toleirona e disse:

— «Estás grelada, serves para as galinhas.»

Arrancou-a da terra e atirou-a para dentro da capoeira das galinhas que lhe saltaram logo em cima e a comeram.

Então, a Pereira, a mais velha e sábia de todas as plantas da verdé horta, virou-se para as hortaliças e, com ar muito convencido, disse-lhes:

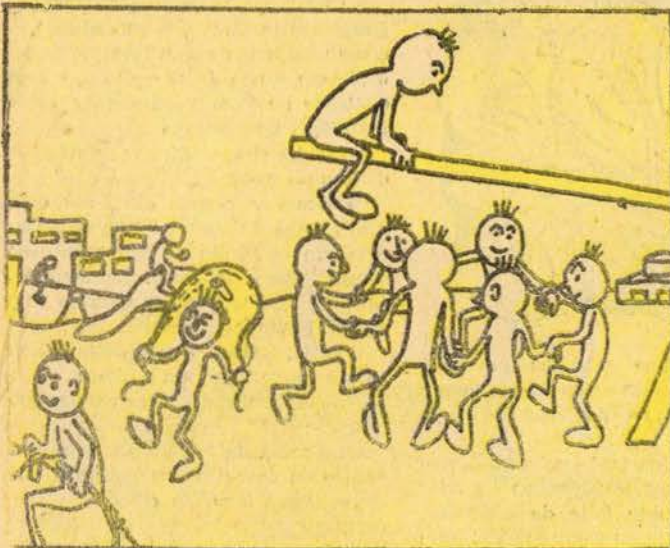
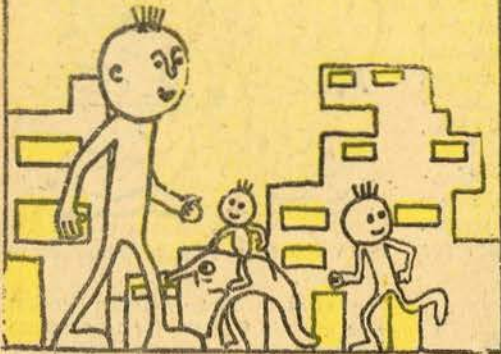
— «Reparai no triste fim de todas as couves vaidosas que não querem seguir os bons exemplos dos ajudados e saborosos bróculos. Todos devemos querer ser os melhores da nossa condição mas nada mais do que isso.»

F I M

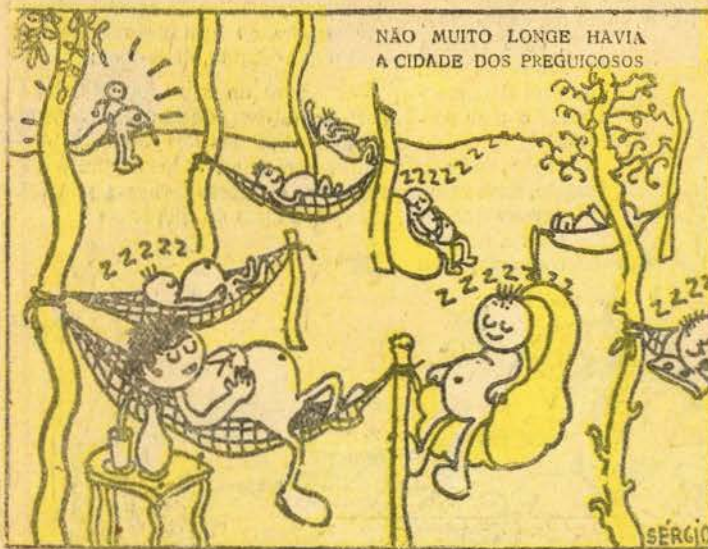


# MICROBIOLÂNDIA

POR SÉRGIO LUIZ



EM VÁRIOS PONTOS DA CIDADE, ALTO-FALANTES ESPALHAM MÚSICA E BARULHO



NÃO MUITO LONGE HAVIA A CIDADE DOS PREGUIÇOSOS



UM IRREQUIETO ENTRA PELA CIDADE FAZENDO UM ENORME BARULHO

SÉRGIO

(Continua na página 8)

# QUEM MUITO MENTE, FIEL NUNCA...

por MARIA DOS MIALGRES

**O** Rui era um rapazito muito engraçado, bonito, de génio bom, folgazão, querido por toda a gente. Mas... como há em tudo um «mas», o Rui tinha, infelizmente, um defeito dos piores, de cortar o coração!

Pois é verdade, leitores, o nosso herói não podia ver nada que lhe agradasse que logo ali não guardasse para si, sem hesitar. Que pena! Raro era o dia em que o Ruizito não fôsse castigado pelos pais.

Ou algum livro, ou brinquedo dos manos, ou qualquer doce guardado para o jantar, tudo tirava sem medo, sem vergonha dos castigos que, já sabia, o esperavam. Era um desgosto, um horror para a família e até para os amigos. Uma constante quizzlia em que todos se afligiam. E o pior era que o Rui negava quanto fazia. Furtava, mas depois, — ui!... — não confessava, mentia!

Uma vez — quis o destino — sofreu o Rui punição estando inocente do roubo. — Até causa repulsão ver o nome dum menino junto a palavra tão feia! — Estava há muito na herdade um rapaz que os pais do Rui protegiam. Era quem costumava ir à aldeia aos recados. E ninguém descreia da honestidade com que ele sempre os fazia. Mas, um dia, o demónio traçoeiro logrou tentar o «Manel»... Vinha ele com as compras e a demazia, quando viu por sobre a mesa um isqueiro que o patrão ali deixára. Ah! que encanto, que beleza! é que coincidência tão rara... Há muito que ele sonhava a posse desse objecto! E o «Manel» que até então

fôra sempre honesto e recto, num segundo se perdeu, — foi ladrão!



Mas, querem vocês saber o que logo aconteceu? Foi o Rui o castigado pelo roubo do isqueiro, está-se a ver! Debalde se desculpou! Pois quem ia acreditar num garoto trapaceiro que fazia os desatinos para negá-los depois? Não acham justo, meninos?

Claro, o Ruizito apanhou castigo sério a valer. Nem a avó nem o avô intercederam por ele desta vez... E no «Manel», está visto, não se pensou.

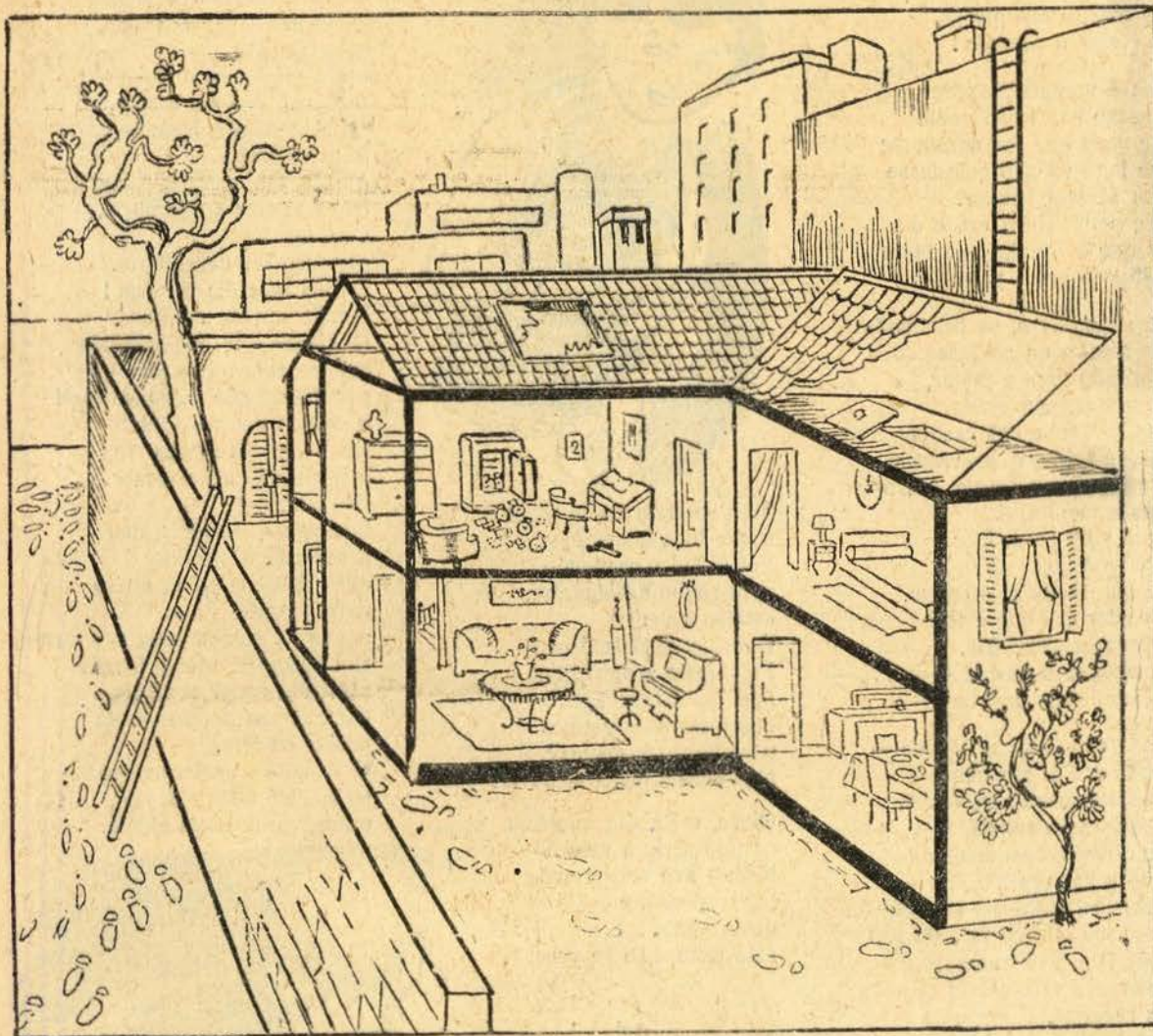
Este, ao ver o resultado do caso, achou-se aliviado e não contou a verdade. E, assim, a uma juntou ainda maior maldade! O mal todo foi que, então, como não o suspeitassem, pois tamanha era a fama que o Rui tinha, o Manel, dali em diante, foi repetindo a façanha, sempre certo e cada vez mais confiante que ninguém o descobria. Ora, um dia, o ladrão foi descoberto. Deram com ele a furtar! E tudo acabou em bem. O «Manel» foi repreendido por ter roubado e também por deixar que outro sofresse o castigo em seu lugar. Claro que se arrependeu e jurou não mais tornar... E o Ruizito, finalmente, compreendeu a verdade deste dito que lhe dizia há já muito toda a gente, e que é: «Quem uma vez mente, fiel nunca» e, assim, jamais tornou a negar aos pais qualquer acção, fôsse ela bonita ou feia. O Ruizito transformou-se no menino mais sincero e honesto daquela aldeia.



# UM ROUBO FOI PRATICADO

## JÓGO DE OBSERVAÇÃO

PEQUENINOS LEITORES DO «PIM-PAM-PUM» FAZEI  
UM PEQUENO RELATÓRIO EM 4 MINUTOS

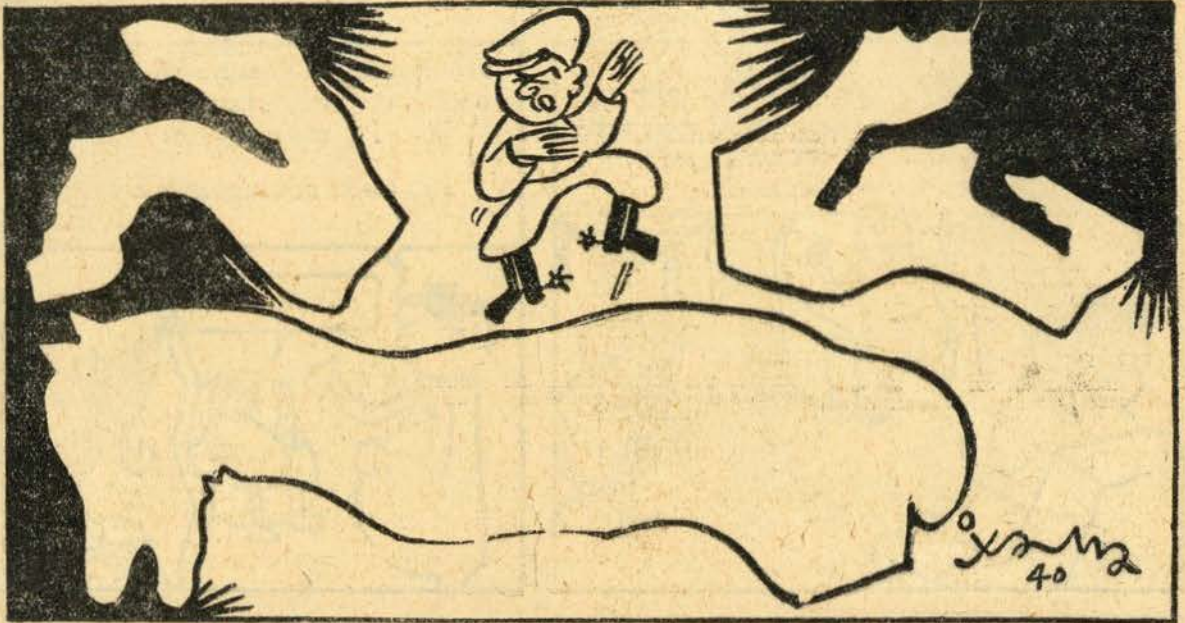


Elis aqui o corte duma residência que foi recentemente assaltada. Há nela e em seu redor evidentes indícios de roubo. Observai, atentamente, durante 3 minutos, com os vossos amiguinhos, a gravura acima. Decorrido este espaço de tempo, voltai a gravura e daí a cada um dos jogadores uma folha de papel e um lápis. Em face dum relógio, durante 4 minutos, elaborai um pequeno relatório em resposta ao seguinte

### QUESTIONÁRIO

- |  |  |
|--|--|
| 1— Quantos foram os ladrões?   | 7— Os gatunos, depois d'êste praticado, partiram tranquilos ou precipitadamente? |
| 2— Homens ou mulheres?   | 8— Que pretendiam êles roubar? Dinheiro ou documentos?                           |
| 3— Os ladrões entraram todos na residência?  | 9— Quais foram os objectos que testemunham a sua passagem?                       |
| 4— Que caminho seguiram os ladrões para entrarem em casa?                            | 10— Que caminho tomaram êles para saírem?  |
| 5— Qual foi o itinerário dos ladrões?  | 11— Partiram juntos?   |
| 6— Encontrava-se alguém no interior da casa, no momento em que foi cometido o roubo? |  |

Lêr no próximo número as respostas a êste questionário



# O CAVALINHO PERDIDO

O entretenimento que hoje oferecemos aos nossos pequeninos leitores, consiste no seguinte:

Digam a um vosso amiguinho que o cavaleiro apresentado na gravura acima, perdeu o seu cavalo e que, portanto, vejam se são capazes de o encontrar, recortando com uma tesoura os fragmentos representados no rectângulo.

Se, após várias tentativas, ele vos disser ser impossível, o leitor dispôlos-à da forma que abaixo reproduzimos e o cavalinho surgirá onde menos se espera.

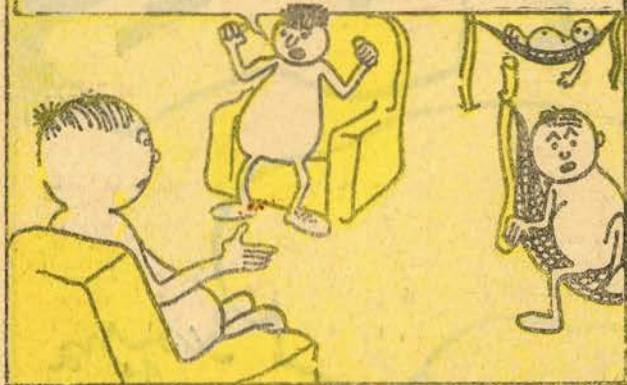


## Indício, salvador!



## MICROBIOLÂNDIA —

ISTO NÃO PODE CONTINUAR ASSIM. NÃO SE PODE ESTAR SOSSEGADO. E JÁ A 3.ª VEZ QUE ENTRAM NOS NOSSOS DOMÍNIOS, VOU PROPÔR UMA COISA.



NÃO TEREMOS UM MOMENTO DE DESCANSO ENQUANTO NÃO ESTIVER DESTRUIDA TODA A RAÇA DOS IRREQUIETOS

E SÓ DEPOIS DESCANSAREMOS A VONTADE



JUSTAMENTE...

TENHO UM PLANO. PARA LÁ DAS MONTANHAS VIVEM OS MONSTROS, IREMOS ATÉ LÁ E PEDIMOS-LHES ESTE FAVOR. ELES TAMBÉM NÃO VÊEM COM BOUS OLHOS A RAÇA DOS IRREQUIETOS... É SÓ IRMOS LÁ...



SÉRGIO

E SE ELES NOS COMEM?

NÃO COMEM. PORQUE COMO TÊM MAUS FIGADOS NÃO PODEM COMER GORDURAS. E NÓS TEMOS MUITA



O CAMINHO É LONGO E IR LÁ É CONTRA OS NOSSOS COSTUMES...

MAS DEPOIS VIVEREMOS SOSSEGADOS. O PIOR É SE OS MONSTROS...

JUSTAMENTE



JÁ QUE VOCÊS TÊM MEDO, IREI EU SÓZINHO

NÃO É MEDO... É QUE...

POIS É... SÓ TEMOS ESSE SONO INHA... E A PÉ É MUITO DIFÍCIL



CONTINUA